

## ALFABETIZAR E LETRAR: DUAS AÇÕES DISTINTAS, PORÉM INSEPARÁVEIS

**<sup>1</sup>Elaine Feitosa Barreto**<sup>2</sup>; Cibele Introvini

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados do estágio de docência em Alfabetização realizado no ano de 2008, em uma turma de segunda série do Ensino Fundamental, com crianças entre sete e dez anos de idade, de um Colégio Municipal localizado em um bairro da zona sul de Campo Mourão. Tivemos por finalidade propiciar o contato da criança com os diversos gêneros textuais a fim de desenvolver sua capacidade de análise e reflexão, bem como de problematização de sua realidade. Fundamentamo-nos nos pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica para desenvolvermos a prática, seja na elaboração das atividades, seja nos encaminhamentos teórico-metodológicos das aulas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização; Estágio; Gêneros Textuais.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da prática de pesquisa e docência na área de Alfabetização e Letramento, realizada em uma segunda série de um Colégio Municipal, na cidade de Campo Mourão – PR no ano de 2008. Teve-se por objetivo propiciar o contato dos alunos com a diversidade de gêneros, permitindo a estes compreenderem e refletirem sobre sua realidade, bem como emitir opiniões e analisar as diversas situações propostas.

No desenvolvimento deste trabalho priorizou-se a teoria do Materialismo Histórico Dialético vislumbrado na Pedagogia Histórico Crítica, que contempla o ser humano como um ser social, histórico e cultural, co-responsável no processo de ensino e aprendizagem. O método dialético possibilitou trabalhar o conteúdo, de modo problematizado e dialógico, sob diversas dimensões, possibilitando ao aluno uma visão ampla e contextualizada de sua realidade. Os recursos materiais utilizados foram: quadro, giz, apagador, folhas de sulfites, tintas, pincéis, jornais, bem como transparências e retro projetor.

Este texto está organizado de forma que possibilite ao leitor compreender a teoria utilizada, assim como as atividades desenvolvidas no processo de prática docente e os seus objetivos.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM. elaine\_fbarreto@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Mestre pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão- FECILCAM. cibeletrovini@hotmail.com.

Buscamos conhecer a realidade institucional bem como identificar as principais dificuldades da turma por meio de leitura do PPP da escola, de conversas informais com funcionários e professora e observações das atividades em sala aula. Segundo as observações, muitos alunos demonstraram dificuldades em relação à escrita, no que diz respeito à produção de uma escrita convencional, e a leitura, sobretudo no que se refere à compreensão e interpretação de um texto. A prática educativa teve como enfoque a leitura e a produção textual, tomando-se por base o uso dos diferentes gêneros de textos social e historicamente produzidos, ou seja, letrar essas crianças. Kramer (2004) ressalta que no processo de leitura é necessário propiciar condições para se ler, trabalhando leitura e escrita por meio de práticas sociais inseridas na história da sociedade.

No início da docência no estágio apresentamos brevemente a história da escrita, e fizemos questionamentos como: Qual a importância da escrita? Porque lemos? Porque a escrita se modificou? Neste momento os alunos fizeram considerações como: “lemos para aprender cada vez mais”, “escrevemos para não esquecer das coisas”. Em decorrência dessas falas questionamos sobre as formas de leitura, mostramos que podemos ler diferentes símbolos como os desenhos e palavras escritas com símbolos do alfabeto e, em seguida, apresentamos diferentes símbolos para que os estudantes os reconhecessem e pudessem lê-los.

Ao realizarem suas produções textuais observamos que muitas escritas sofriam influência do modelo de escrita constante nas cartilhas, como no texto da aluna B (8 anos).

“•Era uma vez o menino torcia para o corinthians mas o pai dele fumava cigarro mas erqa proido fumar.

•entao pegou o dinheiro para compra um refrige para ele.  
•guido filho perigo”

Essa aluna escreve suas falas por frases que não apresentam unidade temática, coerência e coesão entre elas. Na terceira frase, “guido filho perigo”, percebemos como a criança escreve utilizando-se apenas de palavras conhecidas mas sem apresentar um sentido lógico. Partindo dessa produção da aluna “B” podemos pressupor que ela escreve como fala, e utilizou-se das palavras apresentadas, por meio dos símbolos expostos no início da aula, sugerindo uma concepção de linguagem escrita em que a palavra é composta de sílabas e estas de letras, que formarão, posteriormente, uma frase. Contudo, parece não estar claro para esta criança o entendimento de que o texto deve apresentar coesão e coerência. Essa produção textual sinaliza indícios que nos permitem pressupor que a autora do texto teve em sua vida escolar experiências voltadas à produção textual por meio de modelos.

A cartilha tende a confundir “as crianças, uma vez que passa a idéia de que a linguagem é uma ‘soma de tijolinhos’ representados pelas sílabas e unidades geradoras” Cagliari (1998, p. 82). Cabe ainda considerar que as práticas de alfabetização por muitos anos se restringiram apenas a decodificar palavras, para saber ler e escrever, mas isso não garantia uma autonomia na leitura. Na mesma atividade por meio da escrita espontânea realizada pela aluna MG (8 anos), percebemos outro tipo de produção.

• “Meu pai melevol de carro para ve o jogo no caminho eu vi uma placa de perigo na hora que chegamos tivemos que pagar a entrada e la muitas pessoa setavão fumando e la fará tinha uma placa desendo pibido fumar.”

O texto acima da aluna MG (8 anos), mostra a existência de erros ortográficos, porém, apresenta coesão em relação à unidade temática da história. Para Cagliari (1998) os erros que comumente as crianças apresentam quando estão aprendendo a ler e escrever tomam como referência a sua fala, o que nem sempre é considerado no processo de aprendizagem da escrita. Este autor evidencia que as cartilhas confundem os fatos da fala com os de escrita causando análises incoerentes dos “erros” das crianças

quando na verdade é importante que esta perceba que sua fala funciona diferentemente da forma ortográfica com que ela escreve.

Neste sentido, é importante que o (a) professor (a) use diferentes textos para alfabetizar seus estudantes e possibilite, também, o letramento. Soares (2000) ressalta que o processo de letrar baseia-se em habilidades de leitura e escrita em determinado contexto, ou seja, letramento não é apenas um conjunto de habilidades individuais, mas de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita, onde os indivíduos são envolvidos pelo contexto social. Desta forma o ato de letrar torna-se uma ação distinta, porém inseparável, do ato de alfabetizar.

Diante da necessidade de se alfabetizar e letrar, trabalhou-se a discussão de um fragmento do livro “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, quando foi explicado sobre o mesmo e seu contexto. Na seqüência trabalhamos com a obra “Os Retirantes”, de Cândido Portinari, com a finalidade de situar os educandos no tempo (quando se passa à situação retratada na obra) e o lugar (região caracterizada na cena), bem como as características e expressão dos personagens e das condições econômicas que vivem. Após essa primeira abordagem, fizemos uma discussão com os alunos, para que analisassem as semelhanças temáticas das duas obras trabalhadas, a literária e a artística. Em seguida, os alunos realizaram uma releitura da obra de Portinari, por meio da qual foi possível perceber que ao manifestarem-se artisticamente as crianças sintetizavam, em suas produções, a realidade em que estão inseridos, assim como o que aprenderam por meio das discussões realizadas em sala de aula.

Nas releituras alguns estudantes representaram o sofrimento dos retirantes por meio de cores escuras e pessoas sozinhas como na releitura do aluno M(8 anos). Quando questionado sobre o porquê de haver somente uma pessoa em sua obra, o aluno respondeu: “Porque a família do Portinari era sofrida e a pessoa que eu estou pintando também, ela sente-se sozinha e no escuro”, e relatou que também sentia medo do escuro. Para Buoro (2001 p.42),

[...] o trabalho produzido pelas crianças compreende um processo de dissociação e associação entre ver/fazer e fazer/ver, por meio do qual o pensamento analógico e o divergente se fazem presentes. O olhar do aluno, como interpretante observa o signo pintura como uma segunda realidade um novo signo.

Neste âmbito, os alunos associaram a imagem que tinham da história do livro Vidas Secas aos da obra Os Retirantes, e produziram uma segunda realidade inserindo também suas próprias experiências. Por meio da releitura possibilitou-se a compreensão das realidades apresentadas tanto na obra visual (Os Retirantes) como da escrita (Vidas Secas), visto que ao apresentar a obra de Portinari o aluno E (9 anos) questiona: “Professora, olha a família do livro, a cachorra baleia morreu?”.

Diante dos aspectos abordados durante o estágio, reafirmamos a importância de trabalhar os vários gêneros textuais para o letramento, visto que essas práticas possibilitam ao aluno a compreensão e o uso da língua escrita em diferentes situações, bem como distinguir as leituras que realiza, possibilitando fazer comparações e análises. Como ressalta Soares (2000) o sujeito quando se torna letrado modifica-se passando a estabelecer outras relações na sociedade, visto que, cognitivamente, torna-se diferente. Neste âmbito atualmente o que define se o indivíduo é alfabetizado ou não é sua capacidade de compreensão diante da leitura.

## **CONCLUSÃO**

Perante os estudos realizados no tocante ao processo de letramento é importante ressaltar a importância da alfabetização por meio de práticas sociais de leitura onde o professor propicie a seus alunos atividades que permitam a ele analisar e refletir sobre as atividades, a fim de compreender e discutir com colegas e professor. Assim, percebe-se que o letramento ocorre de forma que o aluno passa não só a decodificar a escrita, mas sim a compreendê-la como uma prática cultural e social.

## REFERÊNCIAS

BUORO, A.B. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o ba-bé-bí-bó-bu**. São Paulo: Spione, 1998.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações, 6 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KRAMER, S. **Alfabetização Leitura e escrita**: formação de professores em curso. São Paulo: Ática 2004.